

a Igreja
como Povo de Deus
na Década de 80

- conferência
- em Ilhavo

transcrição
da fita

Fundação Cuidar o Futuro

17 maio 80



MARIA DE LOURDES PINTASILGO
PRIMEIRA MINISTRA

Fundação Cuidar o Futuro

INTRODUÇÃO

Não posso deixar de dizer e que sinto neste momento pela espontaneidade da presença de todos no gesto, nas dadas que em si dizem muito mais do que as palavras poderiam com certeza dizer e que mostram que estamos todos afinal a caminho duma mesma promessa que um dia há de ser cumprida.

Ao ouvir as palavras de apresentação que me foram feitas estava^{na} a pensar diante de mim muitas cenas da minha vida desde os primeiros encontros e tentativas de liderança com estudantes católicos. Lembro-me que presidia à primeira reunião dos estudantes católicos da África Negra, no Gana, no ano da independência. Lembro-me também que estive na reunião em que pela primeira vez participaram estudantes vindos dos países de Leste. Passaram também no meu espírito as imagens ainda do tempo em que vivi, por escolha bem deliberada, o meu trabalho profissional de engenheira no meio fabril e em que pude saber o que é a vida operária com toda a sua força. Prepassaram-me muitas coisas, muitas ! Os combates, sem dúvida, mas sobretudo alguma coisa como o sentido fundamental que tem animado a minha vida em termos de militância. Na verdade, pertenço ainda a uma geração de cristãos que descobriram que ser cristão era ser militante e apóstolo.

Há dias, enquanto ~~parava~~ arrumava papeis em casa, vieram parar-me às mãos algumas notas de reuniões da acção católica universitária dos anos 50/51



traduza numa forma tão rica e tão forte aquilo que a palavra Povo significa para nós.

Aí está, penso eu, a novidade da nossa situação no mundo neste momento. Ao dizermos Povo, ao darmos a palavra ao Povo, portanto ao darmos a palavra uns aos outros, nós estamos a reafirmar o nosso direito a existir com uma força cultural, uma presença no mundo diferente da dos outros povos e capaz de transformar a sociedade e de dar também um contributo novo ao mundo. Mas quando falamos da Igreja como Povo de Deus, não é com condescendência com a revolução portuguesa.

A expressão "Povo de Deus" é uma expressão muito antiga na tradição bíblica e que começou a surgir no início dos anos 60. É uma expressão chave do Concílio Vaticano II. Ao dizer a Igreja como Povo de Deus vou tentar dar um pequeno passo na compreensão da maneira como Deus diz o seu amor pelos homens ; como Deus diz que criou os homens para amarem, para se amarem, para O amarem ; como Deus diz o amor pela história ; como Deus diz o amor pelo mundo. Diz o Evangelho de S. João : "Deus amou tanto o mundo que lhe enviou o Seu Filho".

I - FIGURAS DA IGREJA NA BÍBLIA

Para aqueles de nós que temos uma familiaridade com a Bíblia verificamos que para se aproximar dos homens, para lhes dizer como os ama, Deus serviu-se de muitas imagens, de muitas comparações, talvez porque somos duros de ouvidos e duros de compreensão; E todas essas imagens, todas essas parábolas ou



metáforas são - diz-se em linguagem teológica - figuras da relação que Deus quer inaugurar com os homens.

A - A ESPOSA

Na primeira imagem que aparece na Bíblia, a humanidade é posta perante Deus como a Esposa perante o Marido. É muito interessante que seja essa a 1ª imagem ! Quer dizer que Deus não se afasta daquilo que na vida humana é mais significativo achível da relação. Deus não vai entrar em contacto com os homens numa relação escondida, estranha, diferente. Não. Serve-se, num primeiro tempo, exactamente daquilo que os homens conhecem, a expressão fundamental de amor que são capazes de exprimir.

Por isso, ao longo da história do Povo de Deus no Antigo Testamento, aparece sempre a humanidade a ser convidada a esta dignidade de Esposa de Deus. E cada vez que peca, que trai a missão que Deus lhe confiou, ela é chamada de abandonada para, logo a seguir - é o Profeta Oseias que fala -, se lhe ser dita que já não é abandonada, que agora é a preferida, aquela que está sempre com Deus. A certa altura o mesmo profeta tem palavras maravilhosas para dizer que Deus foi buscar a sua amada para a conduzir ao deserto e, usa esta palavra fortíssima, para a seduzir. Deus não hesita na história da Bíblia em usar palavras muito fortes - palavras que não usamos todos os dias - para exprimir o interesse, o dom que há Nele para com todos nós, para com a humanidade.

Ao longo da história do judaísmo apareceu alguma mulheres a incarnar*



essa atitude de esposa mas é sobretudo através dos profetas que essa expressão nos vem. O Apóstolo S. João, no último livro da Bíblia, o Livro da Revelação final, fala dos fins dos tempos como da Jerusalem Celeste que *desce* dos Céus como uma noiva preparada para o seu esposo. Há aqui todo um caminho de procura de uma relação de grande dignidade, de um carácter inter-pessoal, de um amor total, de uma confiança mútua.

Comecei por esta imagem por ela ter um lugar preponderante na Bíblia e porque fundamenta aquilo que no Cristianismo é essencial : a intimidade com Deus. Os grandes místicos colocaram-se todos nesta relação de amor que só tem como paralelo a relação entre o homem e a mulher. Por isso se nós valorizamos a amor entre o homem e a mulher, o valorizamos como significada, como sinal de um outro amor que nos abarca a todos.

Fundação Cuidar o Futuro

B. A CIDADE SANTA

Não é só como esposa que a humanidade é considerada na Bíblia. Ela é também figurada na Cidade Santa.

A expressão de cidade é muito forte em toda a Bíblia. No Salmo 121, que se canta muitas vezes entre cristãos, temos bem a noção do que é essa cidade santa : diz-se que todas as tribus caminham para Jerusalem, todas as tribus do Senhor sobem para essa cidade e o salmo termina desejando que haja paz dentro das muralhas de Jerusalém e abundância nas suas terras e nos seus celeiros.



Essa cidade santa não é uma cidade de ordem e de regras tudo muito bem compartimentado. Não. É uma cidade de abundância, uma cidade de paz aberta a todos os quadrantes como diz o livro da Revelação numa linguagem simbólica oriental. Tem doze portas, três para o Norte, três para o Sul, três para o Leste e três para o Ocidente. Todas essas portas estão gravadas de pedras preciosas. Nessa cidade não é preciso nem sol, nem lua porque o Cordeiro de Deus é a luz que a ilumina.

É certo que essa cidade, ao longo da história do povo de Deus é também conquistada, muitas vezes prostituída e ninguém melhor do que o profeta Jeremias diz - numa longa ladainha utilizada na Semana Santa e conhecida pelas "lamentações de Jeremias" é a tragédia da cidade : cidade devastada, deserta, cidade em que as mães já não têm pão para dar aos filhos e em que, de alguma maneira, se recapitula a tragédia da humanidade.

Nessa dupla relação de paz/abundância, riqueza e por outro lado carência está essa imagem de relação que é a cidade santa : uma relação de preferência pelo lugar onde Deus habita ; uma relação de justiça e uma relação de carácter público. À intimidade da relação da Esposa se vem sobrepor a clareza, a transparência da relação pública que existe na cidade. Ninguém pode ignorar esse dado.



A cidade Santa foi tão importante, é tão importante, que apesar da Jerusalém de hoje não ter nada com essa Jerusalém de alguma maneira para além dos tempos, a paixão que se põe hoje no conflito do Medio Oriente tem a ver com a Cidade de Jerusalem duma maneira quase fanática de todos os lados.

Falar de Jerusalem é tocar na raiz mítica pelo menos das três grandes religiões monoteístas : o Judaísmo, o Islamismo e o Cristianismo. Por isso todos se sentem imediatamente implicadas e ninguém fica indiferente. Verifiquei isso em muitas reuniões internacionais de cada vez que se discutia o conflito do Medio Oriente. Pudíamos discutir muitas outras coisas problemáticas, mas quando se chegava ao estatuto da cidade de Jerusalém não havia racionalidade que aguentasse. Tudo se passava, e tudo se passa ainda, ao nível da paixão, de qualquer coisa de muito fundo dentro das pessoas.

C - O REBANHO DE QUE DEUS É O PASTOR

Há ainda outra imagem da relação da humanidade com Deus na Bíblia : a do rebanho de que Deus é o Pastor.

O profeta Ezequiel conta repetidas vezes como Deus, tal como o Pastor, é Aquele que leva as ovelhas ao lugar onde possam comer e beber água fresca . Mais tarde nos Evangelhos nos apareça Jesus Cristo como o Bom Pastor.

Entre os hebreus, ser pastor era uma actividade muito frequente. Os hebreus foram originariamente um povo nómada, vieram da Caldeia e atravessaram o Mesopotamia para depois se virem instalar na Palestina. Entre eles a realidade do pastor era conhecida de toda a gente e também o é de nós.

A relação do Pastor com as ovelhas não é nem a relação privada nem a relação pública mas é uma relação de interioridade, de ternura, de cuidado, de vivilância, de tomar conta de, de saber o nome das ovelhas.



Se é certo que muitas vezes nas cidades grandes ouvimos falar em pastores e rebanhos como duma realidade longe do nosso dia a dia, faz bem encontrar-se de vez em quando nas situações concretas onde se pode ver o que é o rebanho e sobretudo o que é a atenção do pastor para com as ovelhas. Uma vez numa montanha da Suíça estive 5 minutos a observar um pastor. Estava longe, na vertente da montanha, completamente quieto. Donde eu estava via-o a ele e via o rebanho. A certa altura vi uma ovelha que se foi separando do resto do rebanho e foi como se estivesse a ver um filme ao retardador. Gradualmente o pastor, como que ia acordando, foi-se deslocando até ir ~~até~~ ao encontro da ovelha que tinha saído do rebanho. Isso deu-me bem a noção dessa relação de cuidado e de ternura. Buscar a ovelha não para imediatamente a colocar dentro do rebanho mas porque ela é objecto de cuidado.

Fundação Cuidar o Futuro

D - O CORPO DE CRISTO

É neste movimento de intimidade, de relação ... e pública, de ternura que nós encontramos, já no Novo Testamento, a imagem da Igreja como o Corpo de Jesus Cristo segundo a expressão de S. Paulo.



É sobretudo esse apóstolo que desenvolve essa ideia de Cristo como cabeça e da interdependência dos membros. Não encontro nenhuma imagem mais forte do que aquela unidade que nos constitui a cada um de nós o nosso próprio corpo, uma unidade entre tudo o que constituí o corpo que somos e que manifestamos. Há em nós uma unidade que é anterior à nossa vontade. O nosso corpo existe como tal, está unificado e isso não tem nada que ver com

o querermos ou não querermos. Estitimos onde existe esta unidade. Falar da Igreja em termos de Corpo de Cristo é dizer uma unidade.

II - POVO DE DEUS

Era com essas expressões que se falava até 1960-1962/63. Com a realização do Concílio Vaticano II irrompe uma outra expressão : a Igreja como Povo de Deus e a humanidade como Povo de Deus.



Todo o Antigo Testamento, portanto os livros mais antigos da Bíblia, é a história dum Povo. História dum Povo que anda sempre, dum lado para o outro. Um Povo que está no Egito, escravo, durante 400 anos sob os faraos, e que constroi as pirâmidas do Egito porque era a mão de obra mais barata - como os nossos trabalhadores constroem as grandes torres em Paris ou em quaisquer das grandes cidades da Alemanha, exactamente na mesma situação. Construíram-nas com o suor do seu rosto num calor que é terrível. Tive ocasião de estar já ao pé das Pirâmidas com 48°, Não é nada fácil. Do Egito, o Povo vai se libertar saindo, fugindo dessa escravidão e então o caminho do Povo de Deus é caminho de libertação. Mais tarde, O Povo de Deus instalou-se, teve Jerusalem como Cidade Santa, antes de ter de partir para o exílio onde, junto aos rios da Babilónia, o povo chora... até que regressa novamente a Jerusalem.

Hoje, quando se fala muitas vezes em teologia de libertação, não é uma intenção de meia dúzia de teólogos, padres e leigos, interessados na liberdade que, de repente, vão baptizar a liberdade dizendo : a história da Igreja é a história da libertação. Não é isso. A história do Povo de Deus foi uma história de libertação.

O que é importante nessa história toda do Povo de Deus é o que marca um povo, são os acontecimentos. O que marca um povo é qualquer coisa que acontece. A gente diz : lembras-te ?

Esta mesa aqui é bem sinal disso. Porque é que esta mesa está cheia de cravos vermelhos ? Houve um acontecimento e basta um cravo vermelho para a gente dizer alguma coisa. A gente não precisa de palavras. O cravo está aí a dizer que uma coisa aconteceu que nos tornou povo. Muitos de nós, não nos conhecíamos antes do 25 de Abril e de repente basta um sinal tão simples como este para nos identificarmos uns aos outros. E não só aqui dentro desta terra. Não só dentro do nosso país mas lá fora. Estive na Primavera em Paris. Não era minha intenção dar entrevistas nessa altura mas fui convidada por vários jornalistas e estive numa especie de almoço/conversa com as redações de várias equipas de jornais e revistas. Em duas delas quando cheguei - não conhecia absolutamente ninguém apenas um deles que tinha vindo a Portugal fazer uma entrevista no tempo do V Governo - todos estavam com cravo vermelho. Não foi preciso dizer mais nada. Muitos deles não conheciam Portugal, nunca cá tinham estado mas imediatamente permitiu saber o que é que podia dizer, até onde podia ir, qual era a comunhão que existia entre nós. Isso significa que nós somos um povo, constituimo-nos como povo à volta de acontecimentos .



Também o Povo de Deus se constitui como tal à volta de acontecimentos. Isso quer dizer que a relação de Deus com os homens - é a grande mensagem da Igreja de hoje - é uma relação histórica.

Não é uma relação que se faz num mundo todo cheio de água benta, muito fechado. A relação de Deus com os homens é uma relação que tem a ver com a história. É na história dos homens que se escreve a história de Deus. Não há por um lado, o nosso trabalho quotidiano, a nossa vida muitas vezes difícil, de trabalho, de poucas horas de sono, de preocupações e dificuldades : o dinheiro que não chega, as preocupações com a gente nova e com os velhos que estão em casa, etc. e, por outro lado, algures, para alguns, uma hora rápida em que acontece qualquer coisa. Não é isso. O que há é uma história de Deus que se escreve com aquilo que somos, que fazemos.

Isto não é novo. Não é qualquer coisa que a Igreja esteja a descobrir agora. Um grande teólogo francês, o Cardeal Daniélou, que já morreu há uns anos, escreveu há mais de 30 anos o que chamou a "história da salvação das Nações". Não era mais senão retomar os nossos esforços humanos para com esses esforços construir e desenhar a história de Deus.

III - MOVIMENTO DEPOIS DE VATICANO II

Povo de Deus são assim os cristãos. Mas podemos perguntar se esse Povo de Deus, e se essa história tem apenas que ver com aqueles que dizem acreditar em Deus ou em Jesus Cristo ?



É muito importante ver que quando todos os bispos se encontraram reunidos no Concílio Vaticano II, em Roma, eles usaram a palavra Igreja de muitas formas diferentes.

Usaram a Igreja para dizer o que normalmente entendemos por Igreja : as pessoas batizadas, que continuam a sentir-se fiéis a Jesus Cristo e a dizer que acreditam Nele.

Falaram também os bispos de Igreja referindo-se à humanidade toda. Porque ^{toda,} é a humanidade que é convidada a participar no amor de Deus.

Falaram também em Igreja quando se referiam não só à Igreja Católica mas a todas as outras Igrejas que, ao longo dos séculos, se foram separando da Igreja de Roma. Em primeiro lugar as Igrejas Ortodoxas, que se separaram no século XI e depois as Igrejas nascidas da Reforma que se separaram no século XVI. Também essas são a Igreja de Jesus Cristo em movimento para a realização da história.



E a Igreja é afinal também aquilo que Jesus Cristo diz numa forma claríssima : "quando dois ou três se reunirem em meu nome aí estou no meio deles". A Igreja é também essa realidade de que muitas vezes nos esquecemos. Quando pensamos que ela é só aquela realidade concreta onde vamos num determinado momento. Podemos dizer que, ao encontrarmo-nos aqui por causa duma motivação cristã, nós somos a Igreja e estamos a fazer a Igreja.

Igreja concebida como Povo de Deus tornou-se uma expressão muito

desenvolvida depois de Vaticano II e deu origem aos movimentos que caracterizam um povo em dois grandes grupos na humanidade.

Por um lado, deu-se nos países altamente industrializados aquilo que se chamou então a democracia da Igreja. Pense de uma forma especial a Igreja num país como a Holanda onde todos os cristãos se reuniram em centenas e milhares de grupos, primeiro a nível das paróquias, depois das dioceses, e a seguir ao plano nacional para constituir um grande Concílio pastoral. Os bispos tiveram de dialogar com os padres e com os leigos. Foi um trabalho extraordinário de muita gente envolvida numa mesma procura. Foi um caminho que era de certa maneira normal nas democracias europeias onde a Igreja tinha que, necessariamente, ao ganhar raízes, assumir as formas vividas pela convivência entre os homens.

Fundação Cuidar o Futuro

Desenvolveu-se simultaneamente outra tendência, sobretudo na America Latina e de forma muito especial no Brasil. Aí ~~está~~ não é essa democracia representativa que existe. Justamente como não havia órgãos adequados de representação do povo, este tinha de se exprimir directamente, onde estava, onde existia, onde trabalhava, onde vivia. E foram os bispos brasileiros que estimularam essa forma de expressão.



Pensei que teria interesse ler alguma coisa que os bispos brasileiros dizem a este respeito - isto é dito em Maio de 1973 :

"Existe um povo que é marginalizado. Nós não inventamos. Aqueles com quem convivemos e a cujo serviço nos consagramos dizem-nos isso. É

a grande maioria, a quase totalidade do nosso povo fiel, povo de Deus, povo reunido, Igreja de Cristo como tantas vezes vem no Concílio. É a Igreja de Cristo plantada em nossa região. Com os olhos e com os ouvidos vemos e ouvimos todos os dias essa gente e estamos compreendendo, pela prática, que esse povo é a Boa Nova de Cristo para o nosso mundo, para o nosso Brasil. Não está instalado, não vê neste mundo a sua cidade permanente, não se deixou embutar. Crê, espera. Por isso concluímos : só ele, o povo dos sertões e das cidades, na união e no trabalho, na fé e na esperança pode ser essa Igreja de Cristo que convida, essa Igreja de que faz a libertação. E é só na medida em que entramos nessas águas do Evangelho que nos tornamos Igreja, Igreja-Povo. Povo de Deus. Cada dia descobrimos melhor porque Jesus-Cristo era entendido pelos pobres e por eles foi reconhecido; pelos pequenos, pelos marginalizados. Pequeno e marginalizado também. Ele segundo a expressão de tantos profetas que o anunciaram. Identifica-se com o Servo, com o anônimo, com o menor dos irmãos.

A Igreja é esse povo que se reúne para proclamar com a mais íntima certeza : somos a Igreja. Esse povo unido, esse povo que se descobre, que reconhece e aceita a tarefa de conhecer a verdade da vida, que se une e se organiza para ser fermento e a lama da sociedade humana. Esse povo que junto com os outros luta pela causa da ~~nova~~ nova sociedade, de uma maneira de viver junto com os outros. Todos esses ^(que) lutam são a semente de um mundo novo que aceita mesmo apodrecer no chão da vida mas tem a certeza que nascerá espigas novas para fazer um mundo novo."



Os Bispos do Brasil quando falam assim demonstram uma imensa confiança no Povo, no povo que todos nós somos. Há os pobres declaradamente pobres e há os pobres que todos nós somos, de afeição, de ternura, de tudo aquilo que é para nós vital.

IV - OS ACTOS DO POVO DE DEUS

O que é que podemos fazer ? Quais são os actos do Povo de Deus ?

Na história antiga do Povo de Deus, desse Povo hebreu, havia três categorias de pessoas que tinham uma grande importância. Havia os Reis - o Rei David por exemplo ; havia os profetas - aqueles que diziam as palavras incômodas que os reis não gostavam de ouvir ; havia os sacerdotes - aqueles que cuidavam do templo e cuidavam de manter o povo na linha certa. Essas três categorias de reis, de profetas e de sacerdotes têm na vida de Cristo uma repercussão muito importante. É que Jesus Cristo veio cumprir cada uma delas.

Jesus Cristo veio anunciar um Reino que não é deste mundo. Não é um segundo Rei David embora seja descendente dele mas vem dizer : "o meu Reino não é deste mundo". Jesus Cristo vem cumprir a Lei e os Profetas. As pessoas à volta dEle perguntavam constantemente na cidade : "mas quem é ?" "Será Ele um dos profetas ?" Até na própria terra dEle diziam : "Isto um profeta ? O filho de José, o carpinteiro que a gente conhece. Pode lá ser ? Pode lá ser aquele que estamos a espera ?" Toda a vida de Cristo se passa face a essa interrogação dos homens seus contemporâneos sobre quem Ele é. Aquele que vem cumprir a



palavra dos profetas. Ele é também o Sumo Sacerdote, aquele que realiza o grande acto do culto.

Já não é exactamente assim que falamos. Porém todos nós, hoje, como Povo de Deus, somos ao mesmo tempo Reis, Profetas e Sacerdotes.

O que é que quer dizer ser rei hoje das coisas ? Quer dizer dignificar as coisas. Às vezes fico impressionada connosco portugueses. Parece que nascemos já cansados. Encontra-se alguém : "então, como está" -"Ai, muito cansado". "Como vão as coisas ?" -"Ai vão mal !" É sempre como se tudo fosse negativo, como se aquilo que é cansaço, dificuldade não fosse ao mesmo tempo estímulo e convite à luta e ao trabalho. É que o trabalho é justamente essa nossa possibilidade de reinar sobre as coisas, de as dominar, de as organizar. Que coisa melhor pode haver que a gente ver que das nossas mãos, do nosso espírito, brota qualquer coisa de acabado que os outros reconhecem e que sirva aos outros. Qualquer que seja o nosso trabalho.

Ser povo, por isso, não é ir fazer grande manifestação pública, não é afirmar grandes coisas. É antes de mais afirmar essa soberania, essa realeza de cada um de nós sobre as coisas. Dignificar as coisas, o trabalho e o mundo, para as libertar.

Ai vem a nossa segunda tarefa, a de sermos profetas. Todos. Profeta que disse as coisas a tempo e a contre-tempo. Que diz as coisas quando elas precisam de ser ditas. Profetas que não só dizem alguma coisa que tem de ver com o imediato mas que anunciam uma outra realidade. Não uma realidade utópica, feita de ilusões. Não. Ser profeta é justamente dizer que nas dificuldades de hoje,



na luta de hoje, está a promessa da vitória de amanhã, está a esperança ~~de~~ absolutamente inenarrável do mundo diferente que podemos construir.

Finalmente somos também todos chamados a sermos, de alguma maneira, sacer^{tes} dotes. E como-lo pelo baptismo, toda a teologia no-lo diz. O que é que isso quer dizer? Quer dizer que todos celebramos a nossa fundamental libertação. Precisamos de nos libertar daquilo que nos escraviza, que nos domina mas não só de fora. Quantas vezes a gente pensa que tirou as cadeias de tudo quanto nos prendia de fora e, de repente, se encontra ainda mais preso. Preso de nós próprios. Preso das convenções que a gente se habituou a respeitar e que mesmo que os outros não ~~sejam~~ estejam a censurar-nos, estamos nós imediatamente com a censura a cortar ainda antes de termos dito alguma coisa. Quantas ~~vezes~~ escravidões estão a pesar sobre a nossa vida. E, sem dúvida, a maior escravidão que é de ^{não} sermos capazes, ou não quisermos, provar o amor até ao fim. É isso apenas que Deus pede à humanidade, a cada um de nós, é que não nos furtemos à exigência do amor.

Deus não nos vem dizer grandes regras. São elas consequências de segundo plano. O que Deus vem dizer é que o amor é exigente, absoluto, total e que é a regra fundamental. Por isso é que nós somos sacerdotes da nossa própria vida. Podemos celebrar essa vitória sobre o que é, em nós, pecado.

O que em nós é pecado não são as coisas que as pessoas em geral consideram pecado. É o não amar mais, não ir até ao fim de todo o amor que podemos experimentar. Digo a palavra amor e estou a pensar nos Dancing'days. Aquilo é amor e mais amor... Não é exactamente isso, é qualquer coisa de muito mais forte.



Aquilo é um retrato. Há naquelas personagens - não sei se têm sentido isso - uma busca desorientada, tonta, do amor. Algumas até fazem pena. E perguntamo-nos : "não há outra maneira de estar na vida, de se situar, de dar sentido à vida ?" Ficamos a pensar : "Quantas vidas são gastas em trivialidades como aquelas que a gente vê lá na TV. Quantas vidas são gastas sem responder à exigência do amor ?" Se somos sacerdotes da nossa própria existência, é para nos libertarmos do pecado de não amarmos.

V - A DÉCADA DE 80



É nessas condições que podemos ser Povo de Deus neste começo da década de 80. O que é que poderá dizer ? Que exigência tem ? O que é essa década dos 80 ?

Fundação Cuidar o Futuro

Encontramos por um lado um mundo cada vez mais materialista. Não no sentido que muitas vezes se qualifica como tal, mas nesse sentido em que somos extremamente dominados pelo império dos valores materiais. Se nesse momento pudessemos interromper dois ou três minutos e pensarmos : "O que é que nos está a preocupar ? Que coisas é que estamos a desejar mais no imediato ?" Tínhamos a descoberta quase inevitável que estamos muito, e a determinados níveis, a esperar coisas muito materiais, muito concretas. E isso não é porque sejamos materialistas de doutrina. Não. É porque a sociedade em que a gente vive nos afunilha cada vez mais para um consumo, uma procura de bens que não são os que mais nos podem satisfazer.

O mundo materialista por um lado, certo. Mas ao mesmo tempo um mundo cheio de ideal, de gente portadora de ideal. Ideal que é capaz de transformar a existência.

Também um mundo sem Deus mas em que toda a gente anda à procura de um sentido para a vida, de uma finalidade na existência. Quantas vezes a gente termina uma conversa ouvindo alguém a dizer : "mas o que é que ando cá a fazer ?" "Que sentido tem isso tudo ?". Essa grande pergunta : "Que sentido tem isso tudo ?" não é, senão a nossa procura, às apalpadelas, no escuro, do sentido último das coisas. Por isso um mundo sem Deus constantemente a procura duma finalidade.

Também, sem dúvida, um mundo de injustiças em que mal estamos a degolar uma injustiça e logo outra aparece no horizonte mas onde se cria ao mesmo tempo uma enorme corrente de libertação dos fracos e dos oprimidos. Fracos e oprimidos que todos somos em determinados momentos. Também todos somos opressores noutros momentos. Por isso a essa injustiça que reina no mundo enquanto distribuição de forças e de bens, que reina na ^{nossa} sociedade, se opõe a grande corrente da libertação dos fracos, dos pobres, de modo a que todos possamos ter o nosso lugar no mundo. Isso se passa com a nossa liberdade individual. Está inexoravelmente ligada com a liberdade do mundo e de todos os povos no mundo. Não há por um lado nós, e por outro o mundo. Em qualquer lugar onde estejamos estamos sempre ligados com este vasto mundo de que somos uma parcela indispensável que tem a sua palavra a dizer.

Somos um mundo onde a quantidade, aquilo que se mede quantitativamente, aparece com mais valor do que a qualidade. Mas onde ao mesmo tempo a qualidade tem alguma coisa a dizer.

Somos um mundo com guerras e é importante, numa altura em que toda a gente anda preocupada com a possibilidade de uma terceira guerra mundial, pensar que



desde a segunda guerra mundial não tem parado a guerra no mundo. Desde a segunda guerra mundial ^{há} no mundo mais do que 125 guerras que envolveram directamente 60 países e indirectamente mais de 80. A única diferença é que quando dizemos guerra mundial queremos dizer o envolvimento directo, frente a frente, das duas super-potências. É essa apenas a diferença. Porque o mundo está em guerra. Todos os dias morrem no mundo pela guerra milhares de pessoas. Temos muitas vezes tendência a esquecer~~lo~~. Mundo com guerra, mundo em guerra que não cessa de o estar mas ao mesmo tempo mundo sem fronteiras. Um mundo em que cada vez mais procuramos deixar cair as fronteiras que nos separam.

VI - O POVO DE DEUS NA DÉCADA DE 80

quem o Povo de Deus pode ser perante este quadro da década de 80 ?

..... tem que anunciar Deus ; tem de dizer pelo nome Filho de Deus que se chamou Jesus de Nazareth que veio a este mundo para anunciar a salvação do mundo, para lhe trazer uma Boa Nova da sua própria redenção. O Povo de Deus não pode ter medo de fazer este anúncio. É um mundo sem Deus e à procura de finalidade na vida. Por isso o Povo de Deus é aquele que aponta, pela sua vida, para as verdadeiras finalidades. Não as finalidades imediatas. : vence este, vence aquele, prestígio de A, prestígio de B . Não. Mas para aquela que é a finalidade. Sabe estabelecer quais são os fins mais importantes e a eles subordina os fins secundários.

É um Povo que, no mundo onde a quantidade parece ter o direito de cidade,



procura os valores que traduzem a qualidade. A qualidade na relação, no trabalho, na vida cívica e política, a competência na tarefa que se exerce. Com efeito, não é automaticamente que, ao ser-se investido daquilo que se chama o poder, se adquire competência. Tudo isso é fruto duma procura de qualidade de vida.

Povo ainda que está unido nesse mundo de guerra mas ao mesmo tempo sem fronteiras. O Povo de Deus está unida para além das fronteiras e não é por acaso que ao pensarmos neste tema e ao refletirmos no Povo de Deus podemos recapitular um pouco a viagem de João Paulo II ao continente africano. O que foi esse mergulhar num povo das terras da África. O que foi esse significado de um papa que foi pela primeira vez ouvir uma linguagem vivida doutra maneira, expressa de outra maneira.

Esse Povo de Deus não tem exactamente uma Constituição. Não tem uma Assembleia da sua República mas como qualquer povo tem uma Carta Magna, aquilo que Jesus Cristo disse no Sermão da Montanha, o Sermão das Bem-aventuranças :

Bem-aventurados os pobres porque deles é o Reino dos Céus ; Bem-aventurados os que choram porque serão consolados ; Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça porque serão saciados ; Bem-aventurados os aflitos, serão consolados ; Bem-aventurados os pacíficos porque deles será a terra. Gostava de acentuar bem este aspecto : não é bem-aventurada a desgraça porque um dia vira a felicidade. Não. Esta bem-aventurança quer dizer : felizes estão aqueles que procuram, aqueles que sofrem, aqueles que lutam, aqueles que se despojam dos seus próprios bens. ^{já} Bem-aventurados são esses todos porque hoje, neles, está a germinar este grão que desce, cai na terra para que depois, da terra, venham a brotar



muitas espigas e se faça o pão. É por esse sinal, é pela vivência das bem-aventuranças que os cristãos se reconhecem uns aos outros e a gente reconhece o povo cristão.

Falar de bem-aventuranças num tempo tão-carregado de ódios parece uma espécie de lenitivo que a gente põe para dizer : "bem, as coisas não são tão más como parecem" . Não é. É poder dizer simultaneamente isso : Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça e ao mesmo tempo dizer também Bem-aventurados os mansos. Como é que se pode ter fome e sede de justiça e continuar a ser mansos de coração, puro de coração ? É nessa conjugação que está o grande desafio que nos é posto a todos nós. Desafio que não podemos realizar sozinhos, só podemos realiza-lo na comunhão uns dos outros.

Aproxima-se agora para os cristãos a festa do Espírito Santo, um tempo muito rico de significado. Essa festa tem em si um enorme simbolismo e um grande conteúdo. Ela é a recapitulação, na história dos cristãos de hoje, daquilo que aconteceu aos primeiros cristãos. Estando eles a trabalhar e a rezar deixou sobre eles o Espírito de Jesus Cristo, o Espírito que os tornou capazes de viver as bem-aventuranças, de se entender uns aos outros, de passar a entender-se mesmo falando diferentes línguas sendo essas línguas praticamente incomunicáveis umas às outras. É desse Espírito que nos vem não só a força para a luta mas a esperança de toda a transformação. É na boca desse Espírito que, no fim do grande livro que feche a Bíblia, o livro do Apocalipse ou livro da Revelação, S. João põe as grandes palavras que são a esperança de todos nós : "Ei farei novas todas as coisas".

É nessa esperança de que todas as coisas serão novas através de nós,



connosco e por nós que nós podemos ser o Povo de Deus dentro deste povo
concreto que é o Povo português.

Fundação Cuidar o Futuro

